

REFLEXO *Marés aponta 'despreparo'*

Presidente da Funai sai e critica repressão

belecimento de uma jurisprudência que implementasse os direitos conferidos às populações indígenas pela Constituição de 1988.

Colaborou a Redação

Lula Marques/Folha Imagem



Manifestantes que vinham da Coroa Vermelha são reprimidos com bombas de gás lacrimogêneo pela Polícia Militar da Bahia

Documentação

Class. 1846

Data 23/4/2000 Pg 1-7

Onle FSP

154

INSTITUTO
Documentação
OCIOGRÁFICA
Fonte fsl
Data 23/4/2000 Pg 1-7 com
Class. 1875

da Sucursal de Brasília

O presidente da Funai (Fundação Nacional do Índio), Carlos Frederico Marés de Souza Filho, 53, anunciou ontem que pedirá demissão, após presenciar uma ação da polícia contra uma marcha de índios que iam de Coroa Vermelha a Porto Seguro, na Bahia.



“Não posso permanecer num governo que faz uma agressão física ao movimento indígena organizado”, afirmou Marés, logo após ter decidido —segundo ele, em caráter irrevogável— apresentar sua demissão amanhã ao ministro da Justiça, José Gregori.

O confronto entre índios e policiais na marcha a Porto Seguro, que Marés classificou como “um ato de violência comparável à repressão militar da década de 60”, foi apenas mais um fato a colaborar para a sua demissão.

“A minha interlocução com o novo ministro da Justiça não estava boa e eu já pensava em pedir o afastamento do cargo. Mas agora a decisão é irreversível”, disse, por telefone, o presidente demissionário do órgão.

Marés criticou a forma como o governo de Fernando Henrique Cardoso trata a questão social.

Segundo ele, a violência com a qual foram tratados os índios não foi culpa de um comando policial despreparado. “Foi o despreparo do governo em tratar a questão social”, declarou.

Marés conta que, após uma longa negociação, conseguiu pela manhã autorização da PM para fazer a marcha até Porto Seguro, com cerca de 2.000 índios. O objetivo era a entrega de um documento dos índios para FHC.

Logo no início da caminhada, que é de 28 km, policiais militares lançaram bombas de efeito moral, conta Marés. Segundo ele, no momento em que foi pedir calma e tentar negociar um saída pacífica, duas bombas estouraram perto dele. “Não houve negociação.”

Marés disse acreditar que os policiais devem ter recebido uma ordem para evitar manifestações na festa dos 500 anos do Descobrimento, da qual FHC participava.

“Seria melhor atrasar a marcha, que é de no mínimo cinco horas, que não negociar e usar a violência”, lamentou Marés, que não acredita numa ordem direta da Presidência para o uso da força.

Marés está no cargo desde novembro de 1999. Foi nomeado pelo ex-ministro da Justiça José Carlos Dias, de quem é próximo.

No início do ano, o presidente da Funai teve seu primeiro desentendimento no governo por causa da demissão, por fax, do sertanista Orlando Villas Bôas, 86, de um cargo comissionado na entidade.

Na época, Marés justificou a demissão dizendo que o indigenista já recebia uma pensão vitalícia da União, o que impedia que continuasse no cargo. A demissão do presidente da Funai, cogitada na época, foi descartada por Dias, que apoiou o assessor.

Há uma semana, Marés voltou a causar polêmica ao criticar o ministro Rafael Greca (Esporte e Turismo) pelo modo como estavam sendo conduzidas as festividades dos 500 anos. Mais uma vez, negou que estivesse demissionário ao surgirem boatos de sua saída.

Marés é um defensor do chamado “novo indigenismo”. Para ele, “a política para cada povo indígena deve ser diferente. Quanto mais tempo os povos indígenas que estão isolados permanecerem nessa condição, melhor. Deve-se evitar ao máximo que o problema de consumo entre nas sociedades indígenas”.

Doutor em direito pela Universidade Federal do Paraná, Marés foi procurador-geral desse Estado de 91 a 94. Contribuiu para o esta-